

UMA FILOSOFIA DA FOTOGRAFIA

ANDREAS FEININGER

A fotografia é uma linguagem de imagem, a única linguagem que pode ser entendida em qualquer parte do mundo. Isso a torna preciosa e única. No entanto, assim como a palavra falada ou escrita pode ser usada de maneira inteligente para transmitir conhecimentos, comunicar ideias e estimular a mente, ou desperdiçada em tagarelice vazia, assim também a fotografia pode dar ao espectador algo que vale a pena ver ou fazê-lo perder tempo com um blá-blá visual. Consequentemente, a qualidade mais importante de uma fotografia é seu conteúdo.

Outro fato marcante é que, em contraste com a página impressa, uma fotografia pode ser “lida” num relance — e as pessoas parecem ficar cada vez mais inquietas, impacientes, esperando poder ir adiante. A linguagem das palavras — a leitura — é lenta e, geralmente, perde sua importância em favor da linguagem da imagem — como a televisão, publicidade pictórica e fotografia. Mais uma razão para se ter certeza de que a fotografia seja “boa”, isto é, eficaz.

Infelizmente, a maioria das pessoas avalia a eficácia de uma fotografia de acordo com sua execução técnica. Se ela é nítida e as cores são naturais, é considerada boa. Caso contrário, não é. Na minha opinião, essa atitude é como julgar o trabalho de um escritor pela correção de sua gramática e ortografia, porque mesmo uma fotografia tecnicamente perfeita pode ser uma foto chata e sem sentido.

Pessoalmente, considero uma câmera o equivalente à máquina de escrever de um escritor ou jornalista — um instrumento indispensável em nossa profissão, mas nada para se alardear. Caso contrário, o fotógrafo se torna facilmente escravo de uma atitude caracterizada pela expressão muito ouvida “Ah se eu tivesse uma Nikon (ou Leica, Pentax, ou ...), aí eu também poderia fazer ótimas fotos.” O que, nem é preciso dizer, é uma ilusão.

Não quero com isso dizer que não considero a técnica fotográfica importante. Pelo contrário, desde que seja utilizada de forma sensata, ela é indispensável para revelar o potencial tanto do objeto quanto da imagem. Tão importante, na verdade, que acabo de publicar um livro — *A Essência da Fotografia* — inteiramente dedicado à “gramática e sintaxe da fotografia”, como eu as vejo. É o alicerce do presente trabalho que concebi como a outra metade de uma unidade.

Desta vez não coloco a ênfase em problemas técnicos, mas em pensamentos e ideias, no ver, sentir e pensar. Por que tirei esta fotografia em particular? O que vi neste objeto específico? O que ele trouxe à minha mente? O que eu quis dizer com esta foto?

Sendo autônomo, livre para escolher o tipo do meu trabalho, principalmente interessado nos aspectos da natureza e nas criações do homem e não nas pessoas, ao contrário de um fotojornalista, não sou geralmente forçado a tomar decisões rápidas antes de liberar o obturador. Normalmente tenho tempo — tempo para estudar o assunto da imagem pretendida de todos os lados, literalmente, bem como figurativamente falando, inclusive, se for necessário, sua relação com as pessoas e o ambiente.

Consequentemente, quando encontro um assunto interessante, nunca vou supor que a primeira visualização seja também a melhor. O mais provável, desde que eu tenha tempo, é que um pouco mais de estudo irá revelar outras possibilidades e, muitas vezes, preferíveis para alcançar um resultado eficaz. Com relação a isso, presto especial atenção à influência da luz e sombra, à perspectiva, ao fundo e à escala. Aí faço uma série de fotos, todas um pouco diferentes, para depois escolher a melhor.

Embora, obviamente, qualquer objeto possa ser fotografado em cores ou em preto-e-branco, nunca encontrei um caso em que esta escolha não fosse importante. Se a cor é a qualidade visual mais marcante de um objeto, uma foto em cores provavelmente dará um resultado melhor.

Se um contraste extraordinariamente forte ou fraco são as características mais típicas de um objeto, uma foto em preto-e-branco geralmente produz melhores imagens.

Outros aspectos que acho necessário considerar para a produção de boas fotografias são a simplicidade da composição, a imaginação no que diz respeito ao enquadramento, e ao preenchimento do espaço disponível da imagem com detalhes importantes para o espectador. Nada talvez dilua mais o efeito de qualquer imagem do que a inclusão de um fundo inútil — o resultado de distância demais entre o objeto e a câmera ou a utilização de uma lente de distância focal muito curta para a ocasião.

Falando em termos mais gerais, a minha abordagem à fotografia é baseada no ato de ver um interesse pelo objeto. Creio que ninguém pode fazer imagens excitantes ou estimulantes, a menos que esteja interessado no objeto. Pessoalmente, só passo a considerar objetos que capturem o meu interesse porque descobri que o interesse é a centelha que estimula minha criatividade. Sem interesse, não importa o quão importante seja o objeto em si, minhas fotografias não passariam de medianas. O interesse, é claro, é uma questão pessoal. O que me estimula — por exemplo, é a órbita de uma teia de aranha pontilhada com gotas de orvalho ou um pedaço de concha quebrada que parece uma escultura — provavelmente seria considerado sem sentido por uma pessoa interessada principalmente em pessoas.

Pessoalmente, prefiro preto-e-branco a cores. Trabalhando com cor, praticamente não tenho nenhum controle sobre a aparência da minha foto depois de soltar o botão do obturador, enquanto em preto-e-branco meu controle sobre o efeito da imagem depois que o filme foi exposto é quase ilimitada.

Jamais fotografo um assunto, por mais interessante que seja, a não ser que eu o considere fotogênico. A este respeito, as qualidades que levo em consideração são cor, luz, contraste, perspectiva, movimento, fundo, e o tom geral — os elementos do design gráfico. Porque a menos que estas qualidades estejam bem representadas, a fotografia pode ser importante no que concerne o conteúdo, mas nunca será uma foto artisticamente satisfatória.

Eu deliberadamente evito assuntos que foram fotografados com sucesso por outros fotógrafos, a menos que sinta que posso fazer algo ainda melhor.

Por último, creio que um fotógrafo criativo deve ter a coragem de seguir seu próprio caminho, por menos ortodoxo e até mesmo contrário aos presentes tabus que possa ser. Tenho sido chamado de romântico, arredo, cheio de truques, impostor, arrogante ... Não me importo. Só se me sinto livre de regras preconceituosas consigo produzir fotografias das quais possa me orgulhar. Meus livros de fotos não vendem milhões de cópias como certos romances populares. Eles não se destinam a qualquer um.

São para pessoas sofisticadas que são imparciais o suficiente para desfrutar visões e idéias pouco familiares e estão interessados no que tenho a dizer sobre o meu trabalho, porque "nós falamos a mesma língua".

Nova York , abril 1993

Exposição Andréas Feininger – Nova York anos 40

Curadoria: Jorge Schwartz e Marcelo Monzani

26 março a 26 de junho 2011

terça a sábado, das 14h00 às 19h00,

domingos, das 14h00 às 18h00